

A homossexual se escreve no feminino: um amor que cega

Orientados pelo tema do *amor*, propomos pensar a homossexualidade feminina, em posição de *challenger*¹. Muito além da estrutura, do gênero ou da identificação, pensamos a homossexualidade feminina como uma resposta e/ou solução singular à não relação sexual. Uma resposta à causa inconsciente de semelhante posição de desafio: mostrar como se ama uma mulher sem passar pelo falo, tal como demonstrou Freud no seu caso da Jovem homossexual.

Quando Lacan diz: "A homossexual, que se deve escrever no feminino (*homosexuelle*) sustenta o discurso sexual com total confiança"

Talvez se trate de uma forma de amor que, embora não seja nova, é permanentemente nova como uma resposta singular que esse paradigma supõe à questão do gozo sexual na época de Freud, tal como na época do declínio do Nome do Pai contemporâneo.

Uma solução *vintage*² ao Mestre

A homossexualidade feminina reintroduz o debate sobre a sexualidade feminina no que diz respeito ao discurso do Mestre, não só porque faz um tratamento diferente do significante fálico (ela permanece no discurso sexual ao contrário do transexual que, forçando-o, passa à realidade por meio de cirurgias ou modificações bioquímicas) mas, e principalmente, porque faz do discurso do amor uma estratégia contra este.

Onde o Mestre atual exclui o amor, uma vez que subtrai a *poiesis* da palavra - tornando-a instrumento de verificação e produção de mercadoria tecnocientífica - e degrada a linguagem tentando reduzir a sexualidade a um mero fato de "livre" satisfação, é importante evidenciar a lógica do discurso amoroso que a homossexual constrói para tornar possível a não relação sexual, mesmo que à custa de sua cegueira sobre o gozo feminino.

Então, o que é sempre novo sobre o amor *da homossexual*? Em *Ideias diretivas para um congresso sobre a sexualidade feminina*, Lacan, deixando-se ensinar pelo caso da Jovem e invocando As Preciosas, aponta que se trata de um "desafio substituído³", a substituição de um objeto que é permitido, "os luxos do amor cortês⁴".

¹ Brousse, M-H., "La homosexualidad femenina en plural o cuando las histéricas precinden de sus hombres de paja", *Lo femenino*, Tres Haches, Buenos Aires, 2020, p 65 .

² O uso del significante *vintage* se estendeu para referir àquilo, que mesmo não sendo novo, sempre acarreta novidade pela sua permanente vigência.

³ Lacan J. *Ideas directivas para un congreso sobre la sexualidad femenina*, "Escritos 2", Siglo XXI, México, 1996, p. 713.

⁴ *Ibid*

Das Preciosas e o amor cortês

As Preciosas, movimento barroco de meados do século XVII, serve de modelo para o discurso do amor da homossexual. Elas, sem serem homossexuais praticantes, amarão da mesma maneira que amam as homossexuais no estilo do amor cortês, no estilo do trovador-cavaleiro-servo de sua Dama.

As Preciosas se ocupam do amor e do galanteio. São imitadoras daquelas Damas cortesãs que nos tribunais medievais exerciam seus julgamentos em casos amorosos. Fizeram uma análise do amor com insistência e detalhes. Estudaram seu nascimento e progresso, a rivalidade, os ciúmes, mal-entendidos e reconciliações. Declaram preferir a aristocracia do espírito à do sangue; revitalizaram a língua francesa e impuseram novos estilos de amor. Assim, estabeleceram suas normas em um território no qual as mulheres raramente decidiam.

Deste modo, demonstram em que consiste o verdadeiro amor e como amar uma mulher, criando para si mesmas, mas também para as mulheres, diríamos, para a mulher, um lugar que faz lembrar o lugar da Dama criado pelo amor cortês. Um amor cantado e recitado na linguagem vulgar por um grupo de poetas e cantores chamados trovadores que cantam para uma figura, a da Dama, uma mulher inacessível por ser esposa de outro homem.

É importante ressaltar que a superestimativa é dirigida exclusivamente à Dama escolhida, não às mulheres em geral. A instituição de uma mulher nesse lugar privilegiado introduz uma lógica semelhante à do vassalo que se oferece ao serviço do seu Senhor. É um discurso que se sustenta na expectativa de satisfação, que não é necessariamente sexual.

Essa nova forma de discurso do amor se aproxima, segundo Denis de Rougemont, de um fenômeno herético cristão que coincide com o catarismo, introduzindo uma crise na ideologia religiosa. Nele se mostra uma exaltação de um amor infeliz e insatisfeito, expresso no lamento dos poetas, uma forma imaginária de acreditar que o impossível é um obstáculo inventado.

Um jogo apaixonante e herético

O movimento das Preciosas é, sem dúvida, um desafio ao falo, uma invenção fora das regras masculinas, para tentar dizer como amar uma Mulher, uma invenção que envolve, como diz Lacan, "decompor o significante em sua letra" e desse modo, encurralar o falo, na tentativa de se libertar do sentido sexual.

Sem tomar o falo como significante, elas o degradam à sua significação, plano imaginário, negando seu valor como significante do desejo. Desse modo, "definem - como diz Lacan -

admiravelmente o excesso homo ... o Ecce homo do amor”. Homofonia entre excesso e ecce, que explica aquilo que ela proclama: “eis o amor”.

O que caracteriza este estilo? "... o desafio tem seu ponto de partida numa demanda por amor ridicularizada no real"⁵. Eleva-se à mulher, inominável, à dignidade da Dama, operação que Lacan descreve como sublimação no Seminário de Ética, sendo uma mudança de objeto que não faz desaparecer o objeto sexual. “O jogo sexual mais cruel pode ser objeto de uma poesia, sem que esta perca por isso seu olhar sublimador ... O amor cortês organiza o campo do gozo ligando o inacessível, recuperando algum gozo.”⁶

Que esse amor tenha surgido em um momento de crise da era feudal e de fidelidade ao Mestre, "é realmente a coisa mais formidável que já foi tentada"⁷, diz Lacan. “Ou seja, ele elabora sua interpretação no nível da rotação dos discursos, onde o amor ao assinar o que não é adequado, causa uma reviravolta na razão. O amor cortês será aquele que fará valer *outra razão*, não mais aquela que fazia consistir o discurso deste senhor feudal e, assim, abre a proposta de um novo amor”⁸

Nessa perspectiva, esse amor, mais do que qualquer outro, se gaba de ser aquele que dá o que não tem, isso certamente é o que a *homossexual* faz maravilhosamente com relação ao que lhe falta ... "o que ele não aceita, é que esse objeto só assume seu sexo à custa da castração. O que não quer dizer que vá renunciar ao dela por isso: pelo contrário, em todas as formas, mesmo inconscientes, da homossexualidade feminina, é à feminilidade que se dirige o interesse supremo.”⁹ Nesse sentido, pode-se dizer que a *homossexual* é hetero, elas estão hetero orientadas, como diz Lacan em *O Aturdido*. Elas amam e são fascinadas pelo Outro sexo.

É uma forma de amor que sabe fazer com o impossível. Sem negar o “não ter”, encontra um novo recurso. Onde é impossível dar, porque você não tem, inventa-se. Não é essa a heresia que explica a nossa “jovem homossexual”, ao mostrar ao seu pai como se pode amar alguém, não apenas pelo que tem, mas literalmente pelo que não tem?

Onde houver o impossível, faz-se surgir uma possibilidade, por meio do discurso amoroso. Ou seja, sem negar o impossível da relação sexual e sem se acomodar ao fantasma fálico, faz-se surgir um discurso de amor que faz existir *A mulher*.

⁵ Lacan, J. (2003), *Escritos*, vol. 2, México: Siglo XXI., p.713

⁶ Laurent, E. « ¿Qué es un psicoanálisis orientado por lo real? » *Freudiana*, volumen 71. Recuperado el 20 de agosto del 2021, de URL <http://www.freudiana.com/articulos.php?idarticulo=150>

⁷ Lacan, J., *El seminario, libro 20: Aun. Buenos Aires: Paidós. 2004. p. 85.*

⁸ Rodriguez, G. *Alas al Amor*. Buenos Aires: Grama. 2019. p.34-35.

⁹ Lacan, J. *Ideas directivas para un congreso sobre la sexualidad femenina, Op. Cit.*, p. 713

Agora, é preciso destacar que apesar de conseguir por meio do discurso amoroso deixar de lado o falo, rompendo o significante em sua letra, ela não faz desse discurso um novo Mestre, como aponta C Alberti¹⁰.

Voltando ao movimento das Preciosas, acrescentaremos que não se tratava de um grupo coeso segundo o modelo das comunidades masculinas, em torno de um Ideal, mas sim "uma forma muito apurada de compensar a ausência de relação sexual¹¹", ou seja, de sair com sucesso dessa. Passa do amor ao pai para o amor à mulher.

No caso dos trovadores, cantando e escrevendo expressões poéticas, estes se aproximam do que Lacan no Seminário 20 destaca com as expressões poéticas dos místicas, usadas para dar conta da abordagem feminina do vazio. Uma forma de amor que atravessa o impossível e dá volta sobre o vazio. "São técnicas eróticas que colocam o proibido em um lugar diferente das dependências do Nome do Pai"¹²

A homossexual, sem se submeter à lei da castração e sem se questionar sobre a feminilidade, desafia o pai. Sem se identificar adequadamente com a histeria, elas ensinam o valor de amar as mulheres sem o obstáculo fálico.

Uma perspectiva que nos permite falar -como propõe MH Brousse- da homossexual do lado do não-todo, "uma solução que limitaria o sentido sexual ... elevando o padrão do amor: uma espécie de sublimação da alma"¹³.

"Não-toda" tomada na dimensão fálica, implica que sem se medir em termos ideais, sem se inscrever na ordem dos valores e sem se coletivizar, sua invenção é fazer toda vez com que A mulher exista por meio do amor.

Nesse sentido, este movimento, mais do que um grupo que faz "todas as mulheres", proclama-se como tal, para fazer surgir a exigência da palavra de amor como única substituta possível.

No entanto... é um amor que cega

A jovem homossexual diante de seu pai, pretende afirmar o que são verdadeiramente um amor e um desejo por uma mulher. Ela está, portanto, em posição de *challenger*, de desafio:

¹⁰ Alberti, C. [Lacan Web Télévision] (19 de mayo 2021). *Entre ma vie et le néoféminisme* [Video]. Youtube. <https://www.youtube.com/watch?v=p4Ll29CGdQ>

¹¹ Lacan, J., *El seminario, libro 20: Aun, Op Cti.*, p. 85.

¹² Laurent, E. De lo real en un psicoanálisis, En Una cita con lo real. 2013.

<https://www.telam.com.ar/notas/201310/37314-de-lo-real-en-un-psicoanalisis.html>

¹³ Brousse, M.-H., *La homosexualidad femenina en plural, o cuando las histéricas prescinden de sus hombres de paja, Op. Cit.*

somente uma mulher pode amar e desejar outra mulher como convém.”¹⁴ Sua coragem, sempre desafiadora e demonstrativa diante do poder masculino e patriarcal, faz com que ela escolha a Dama, não somente pelo seu saber sexual, mas igualmente por sua rejeição às convenções dominantes.

“Sua cruzada é A mulher que seu amor vem completar. Torna possível a relação sexual¹⁵”. Assim, sem passar pelo falo, nem o amor e o desejo por um homem, sem se submeter à castração, está apta para o amor. “Negando o significante fálico, lhe resta a possibilidade de um amor sem desejo ou de um gozo todo centrado no falo do qual não deixa de querer se livrar, ou um discurso sobre amor.”¹⁶

Em vez disso, deve-se dizer que onde a homossexual proclama “eis aqui o amor”, tornando-se adequada para um discurso de amor, ela faz existir l’*hommoinzune*¹⁷ (ao menos uma). No estilo da histeria, mas sem passar pelo homem

É fato, avisa Lacan, “o discurso amoroso deixa as muito queridas em uma cegueira total em relação ao gozo feminino.¹⁸” Embora a *homossexual* não esteja de forma alguma ausente do que lhe resta de gozo, o que lhe facilita o discurso do amor, a exclui do discurso psicanalítico, que ela só pode balbucear com dificuldade, já que rejeita o significante fálico¹⁹.

Não por isso este estilo de amor que la homossexual proclama tem menor interesse. Ela refuta e desafia o Outro e assim ensina como se ama uma mulher, gabando-se de “dar o que ela não tem”, porém, nem o discurso do amor nem o seu não-todo sexual, que permitem escrevê-lo no feminino, autorizam falar sobre uma posição feminina. Sabe-se que, apesar de se voltar para a mulher, ela ama o pai. Que ame uma mulher não é suficiente para dizer que está do lado das fórmulas como uma mulher não-toda.

Como diz Lacan, a homossexual é um labirinto de imprecisões.

Seu amor insiste no desafio de afirmar *outra razão*, conforme evidenciado por alguns *dizeres* que escutamos em nossa prática:

- "ninguém entende ou conhece uma mulher melhor do que outra."
- “E quanto ao amor lésbico? Como amar e ser amada por uma mulher? Como encontrar uma mulher que não precise do órgão?”
- “o machismo não deve ocorrer na relação, portanto, não devem sofrer disso que faz um homem e o que ele deseja, ser lei na relação homem-mulher.”

¹⁴ *Ibid.*, p.16

¹⁵ *Ibid.*

¹⁶ La fuente, C. la homosexualidad femenina, ¿una categoría lacaniana? <https://studylib.es/doc/149925/homosexualidad-femenina>

¹⁷ Lacan, J., *El seminario, libro 19: ...O peor, Op. Cit., p. 15*. La homofonía del *au moins un* (al menos uno) condensa *homme* (hombre) y *moins un* (menos uno)

¹⁸ *Ibid.*, p. 17.

¹⁹ *Ibid.*, p. 18.

- "não significa que os relacionamentos com mulheres e amar as mulheres não apresentem dificuldade."
- "Ser mais fácil amar uma mulher não garante que o casal vai dar certo."
- "Embora ser homossexual não a defina, ela se considera uma mulher que ama outra pessoa que *happens to be a woman...*"
- "Os traços masculinos que fazem me confundem muitas vezes com um menino, não tem nada a ver com a minha forma de amar."

Silvia Macri (Responsável)

Clara María Holguin (Responsável)

Aliana Santana

Carolina Vignoli

Daniela Dighero

Cinthya Estrada

Javier Baca

José Miguel Rios Aparicio

Clara Janeth Suárez Poveda

Bárbara Pozzo

Patricia Alegría

